



PSICANÁLISE

Claudio Castelo Filho

A psicanálise do vir a ser

Blucher

A PSICANÁLISE
DO VIR A SER

Claudio Castelo Filho

A psicanálise do vir a ser
© 2020 Claudio Castelo Filho
Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem de capa: *Municipal*. Claudio Castelo Filho. Acrílica sobre tela,
100 x 130 cm.

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,
março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora

Todos os direitos reservados pela Editora
Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Castelo Filho, Claudio
A psicanálise do vir a ser / Claudio Castelo Filho -- São
Paulo : Blucher, 2020.
304 p.

Bibliografia
ISBN 978-85-212-1925-5 (impresso)
ISBN 978-85-212-1926-2 (e-book)

1. Psicanálise I. Título.

20-0269

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Prefácio	9
Introdução	17
1. Para que serve a psicanálise?	21
2. A condição para se observar e o que observar em psicanálise	33
3. Pensamentos selvagens no consultório e na vida cotidiana	71
4. A arte, as crianças e os adultos	99
5. Considerações sobre memória e desejo a partir da leitura de “O Moisés de Michelangelo”, de Freud	109
6. O pânico, o delírio e outras “perturbações mentais” a partir do vértice psicanalítico	127
7. Psicanálise do vir a ser – não médica e não prescritiva: sem memória e sem desejo	149
8. O incesto, a situação edípica e a (in)capacidade para pensar	169
9. <i>A grande beleza</i>	183

10. Luchino Visconti e a sensualidade das imagens	197
11. Considerações a respeito de rituais e moral: o cão domesticado e o lobo	215
12. Estados mentais religiosos reveladores da existência de um deus que se opõe à individualidade, à curiosidade e ao crescimento	233
13. Uma entrevista: a criança interior	251
14. Sobre a perda de pessoas amadas e significativas	261

1. Para que serve a psicanálise?

Muitos me indagam para que serve a psicanálise. Exponho a seguir uma síntese do meu entendimento sobre essa questão como ponto de partida para os demais trabalhos que se seguem neste livro.

Serve basicamente para apresentar uma pessoa a ela mesma, para aquilo que realmente ela é e não pode deixar de ser, de maneira que possa conviver em harmonia com quem de fato é e de quem nunca poderá se separar de forma *realística*, não importando o quanto tentar. Caso ela possa vir a respeitar e a considerar o que de fato é, poderá valer-se dos recursos e capacidades que efetivamente dispõe para desenvolver e não continuar dando murros em ponta de faca ao esperar ou exigir de si o que não poderá produzir. Respeitando suas próprias características poderá tirar partido de sua real natureza, desenvolvendo-se a partir dos recursos de que realmente dispõe. As perturbações psíquicas e sofrimentos decorrentes estão indissociáveis de um modo de viver que não

considera a realidade da pessoa que efetivamente existe, mas que a confunde com aquilo que ela “exige”, inconscientemente de si, ser, das expectativas que imagina que precisaria corresponder de si mesma e dos grupos de que faz parte, sem o que acredita (em geral inconscientemente) que não seria capaz de sobreviver, muito menos viver. A própria ideia de que alguém pode se moldar conforme às suas próprias expectativas já é em si mesma a evidência de uma disfunção psíquica, pois está baseada na crença da onipotência dos pensamentos, ou seja, a pessoa acredita que pode ser um deus e moldar-se conforme seus próprios desejos.

Como isso ocorre? Como uma pessoa entra em contato consigo própria? E quais as decorrências disso?

A maioria das pessoas me procura com a ideia de resolver problemas específicos de suas vidas, como crises matrimoniais, problemas no emprego e outros embaraços práticos que estão sofrendo. Menos frequentemente há pessoas que sentem que algo não vai bem com elas, que experimentam angústias intensas que não conseguem relacionar com algo específico, ou que não estão confortáveis em suas próprias peles a despeito do sucesso social e profissional que possam ter obtido.¹ Meu primeiro passo é ajudá-las

¹ Outra pequena minoria é constituída por pessoas que pretendem fazer suas formações como psicanalistas e procuram o analista “didata” – função que exerço há muitos anos na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Um pretendente a essa formação, conforme prática estabelecida e privilegiada por Freud e que é prevalente na maioria dos institutos de formação psicanalítica filiados à International Psychoanalytical Association (IPA), precisa submeter-se a uma análise com um analista didata, alguém que a instituição reconheceu como tendo um profundo conhecimento e experiência da psicanálise, de maneira que o “candidato” possa ter a experiência de uma psicanálise reconhecida como tal, pois somente a experiência de ser analisado o capacitaria a ter noção da coisa real, do que é mesmo uma psicanálise, muito diferente de conhecer suas teorias. A teoria na prática é outra, já diz um velho adágio. Alguns se apresentam com a ideia de que a análise didática é uma atividade pedagógica, de ensino. Para mim, toda análise é didática,

a perceber que o problema maior e verdadeiro estaria na dificuldade que teriam para pensar os problemas da vida com que se defrontam. Dizendo de outra maneira, a maior parte das dificuldades que vivem ao lidar com as adversidades que precisam enfrentar é decorrente de uma falha, ou falta de evolução, de crescimento, das suas capacidades para pensar com clareza. Pensar, aqui, não é sinônimo de raciocinar; é uma condição indissociável da capacidade para *tolerar* frustrações e as emoções associadas às vivências das frustrações e à intensidade dos sentimentos – incluindo o amor, o ódio, a inveja, e até mesmo a capacidade para o prazer. Ao contrário do que se costuma imaginar, a pessoa desenvolvida não é aquela que se livrou de frustrações, angústias e adversidades – é a que tem capacidade crescente de suportar essas vivências, o que lhe permite observar com maior clareza os fatos, a realidade, sem distorcê-la

no sentido socrático de levar uma pessoa a desenvolver o seu próprio discernimento. Também considero ser ilusório que a pessoa que vem para a análise didática não a necessite para sua vida pessoal. Quem procura essa área de atividade humana (psicologia, psicanálise, psiquiatria e congêneres) certamente já tem muitas turbulências internas. A análise didática não se diferencia em nada de outras análises. O nome didática é decorrente da atribuição institucional dessa denominação, visto que o analista que a pratica tem o reconhecimento institucional para analisar os pretendentes à formação psicanalítica. Muitos querem se tornar psicólogos, psiquiatras ou psicanalistas para não se verem como pacientes, analisandos, pois o preconceito contra a perturbação mental permanece considerável. Existe a fantasia de que o entendimento das teorias capacitaria o indivíduo a prescindir de tratamento pessoal – ele se autoanalisando, ou algo similar, ou fazendo uma cisão segundo a qual os “necessitados”, “inferiores”, seriam os pacientes e os “procurados”, “superiores” seriam os terapeutas, médicos e psicanalistas. A análise do analista é fundamental para que ele se dê conta de suas próprias dimensões primitivas, primordiais e psicóticas (não implica que seja psicótico, mas que tenha acesso aos aspectos psicóticos e neuróticos de sua própria personalidade, sem o que não poderá enxergar algo similar nos outros; sem enxergá-las em si mesmo, tenderá a distorcer suas próprias percepções da realidade).

para evitar o desconforto e a intensidade das emoções vividas quando de sua apreensão. Pensar implica a possibilidade de se negociar com as próprias emoções na vigência delas e de ter um suficiente espaço mental para contê-las e observá-las enquanto ocorrem, possibilitando uma captação suficientemente realista dos fatos que estamos vivendo. Caso contrário, a intolerância às *emoções*² associadas aos eventos internos e externos a que somos submetidos na vida cotidiana leva à busca de evasão do contato com elas ou à tentativa alucinatória (irrealizável na prática) de eliminá-las. Como decorrência, há distorção, ou mesmo negação, da percepção dos eventos que se apresentam em nossa experiência e, conseqüentemente, desenvolve-se a inadequação prática para lidarmos com eles. Se não for possível tolerar as intensidades emocionais relacionadas aos eventos que transcorrem, a tendência é a de distorcer as percepções destes para não ter contato com as emoções com que eles se associam – dessa forma, a pessoa perde o contato com quem ela de fato é, pois não pode ter contato com aquilo que realmente sente. Assim, são produzidos personagens substitutos para a pessoa real, falsos *selves*,³ improvisações, que, por serem ficções, imitações, acabam não sendo capazes de lidar de modo mais real com as imposições da vida.

Uma pessoa terá maiores chances de ser bem-sucedida nos seus projetos e na solução das dificuldades que enfrentar se tiver uma boa capacidade para pensar. Isso é indissociável de uma razoável condição para suportar situações frustrantes e de conviver com suas próprias emoções, por mais intensas e penosas que possam ser em um dado momento. Mesmo o amor e a experiência do prazer podem ser sentidos como graves ameaças à integridade mental caso não haja

² “Um pensamento é uma experiência emocional que pode ser independente de qualquer estimulação sensorial física reconhecível”. Bion, em 7 de setembro de 1968 (Bion, 2014, p. 71, tradução livre minha).

³ Tomando emprestada a formulação de Winnicott.

condição de se assimilar a intensidade dessas vivências e tampouco condição para elaborá-las, pensá-las, antes de que ações perigosas possam se produzir ou que um colapso ocorra.

O grande psicanalista W. R. Bion sugeriu um modelo segundo o qual, numa batalha, a vitória tenderá para o lado do comandante do batalhão que tiver maior condição de enfrentar situações adversas mantendo desobstruída sua condição para pensar claramente. Em meio a um bombardeio, somos submetidos a fortíssimas emoções, sobretudo sentimentos de ameaça de aniquilamento e perseguição. O comandante que não tolerar o contato com as violentas emoções mobilizadas por esse contexto agirá de modo a evadir-se, sem pensar, dessa situação, para safar-se do contato com os sentimentos que não suporta. Fará algo como os avestruzes de desenho animado que enfiam a cabeça em um buraco para não ver o perigo e tampouco experimentar as penosas experiências emocionais a ele associadas (perdendo o contato consigo mesmo, em última instância). O comandante que suportar conviver e negociar com os seus sentimentos, por mais difícil que isso que possa ser, poderá continuar observando o contexto e, eventualmente, poderá perceber as oportunidades que surgirem, e aproveitá-las. Para ser competente ele não pode perder o contato com suas emoções, não pode deixar de sentir medo, pois o próprio medo é um indicativo da realidade com que precisa lidar. Tampouco convém ficar submetido ao medo, tomado por ele, levado à paralisia ou a atuações impensadas para não o sentir. É preciso haver espaço para abrigar e sentir o medo e ao mesmo tempo ter um distanciamento dele, para observá-lo manifestar-se na interioridade do *self* e permanecer pensando. Numa real situação de batalha é que se irá distinguir a imitação de um comandante capacitado de um que realmente o é. Diante de um oficial galonado, Bion, que tomou parte no exército britânico nas duas guerras mundiais, colocava a questão:

estamos diante da evidência de algo real ou apenas de uma imitação?⁴ Esse modelo serve para a capacitação de um analista, como mencionarei adiante.

A reação emocional aos eventos internos e externos é fundamental para podermos discernir o que se passa no ambiente, mas é necessário que tenhamos consciência dessas reações emocionais. O tornar consciente o que é inconsciente, lema de Freud para a psicanálise, se ocupa fundamentalmente, na minha prática e conforme os *insights* de Bion, de tornar conscientes as experiências emocionais que o paciente vive e das quais ele não tem noção, ou condição de ter consciência, por considerá-las (inconscientemente) insuportáveis e intoleráveis, por temer, quase sempre sem se dar conta, que o contato com elas leve à desagregação mental. A experiência de análise no consultório permitiria que o analisando viesse a ter contato com suas experiências emocionais que julga insuportáveis (elas podem se manifestar por meio de atuações impensadas nas quais não reconhece os sentimentos envolvidos, ou em sintomas psicossomáticos,⁵ por exemplo) *na presença e companhia do analista*, que deve, por sua vez, ser uma pessoa com suficiente desenvolvimento psíquico-emocional para tolerar a emergência dessas emoções e das turbulências a elas associadas durante as sessões de análise. Quando a análise é real e eficaz, as emoções que até então não haviam encontrado oportunidade se apresentam para escrutínio nas sessões (com toda probabilidade, por melhores que tenham sido os pais de alguém, quando ela vem para a análise o faz porque não encontrou neles ou em substitutos pessoas capazes de tolerar ou conviver com as experiências emocionais mobilizadas pela convivência). As emoções são

⁴ A imitação não poderá dar conta da situação real, como evidencia Tolstói em *Guerra e paz*, em que distingue o czar, uma bela figura, mas incapaz de lidar com os eventos reais da guerra, e o marechal Kotuzov, que era a “coisa real”.

⁵ Ou soma-psicóticos, como propõe Bion em uma reversão de perspectiva.

presentes e reais no consultório do analista. Deixam de ser referidas para se tornarem presentes e manifestas – emerge a turbulência emocional no contato do analisando com o analista. O analista precisa ser como um comandante de um pelotão que tenha condição de permanecer pensando com clareza durante esse bombardeio, ou como um capitão de navio capaz de atravessar oceanos em meio a borrascas. Para isso, o analista precisa ter um contato muito íntimo com suas próprias emoções e seu mundo primitivo.

Shakespeare descreveu algo parecido na peça *Henrique V*. Nela, o rei da Inglaterra, liderando uma pequena tropa, cercado pelo exército francês, muito maior, e numa situação tremendamente desfavorável, pôde reverter o quadro a seu favor e derrotar os franceses. Tolerando a angústia de aniquilamento iminente, mas sem ser subjugado por ela, o rei e seus comandados puderam pensar claramente, perceber oportunidades que se apresentaram e instrumentá-las, não só para sobreviver, mas também para reverter a situação, ganhando a guerra e capturando o rei da França e a própria França. Essa condição de tolerar as emoções vividas não é uma garantia de sucesso e de sempre encontrar uma saída para situações difíceis, mas é aquela que permite, caso uma saída se apresente, que ela seja percebida e instrumentada. Poder aceitar limitações e impotência diante de situações que estão para além de nossas possibilidades pode não mudar um quadro difícil, mas pode evitar que ele se torne muito mais penoso e sofrido ao evitarmos nos punirmos e nos maltratarmos por não termos a condição desejada. Se não evita o sofrimento inexorável, pelo menos evita o desnecessário.

Para alcançar essa condição, o psicanalista deverá ter ele mesmo se submetido a uma análise pessoal muito extensa e profunda, de

modo a desenvolver familiaridade com suas próprias experiências emocionais e ter consciência delas quando mobilizadas.

O contato com seus analisandos mobiliza no analista fortes emoções, muito primordiais. Ele precisa ser capaz de senti-las para poder ter uma noção do que ocorre no ambiente, de modo a intuir quais seriam as experiências emocionais de seus analisandos e a quais realidades psíquicas não sensorialmente observáveis eles estão reagindo. Isso não quer dizer que o analista sente os sentimentos do analisando, mas sim que, por meio de sua observação do que se passa diretamente na sua frente, no contato com o paciente e de suas (dele, analista) reações emocionais, instrumentado por todo seu preparo obtido em uma longa e extensa formação profissional, e fundamentalmente por meio de sua análise pessoal, pode inferir, intuir, o mundo psíquico do paciente do qual este último não tem consciência.

Nesse sentido, resalto, uma análise real é uma experiência de grande intensidade e turbulência emocional que ocorre nas próprias sessões, na emergência de vivências emocionais primordiais dos pacientes que nunca encontraram lugar para acolhimento e expressão delas, como mencionei há pouco (isso não implica que haja lugar para atuações dessas emoções de forma explícita, com agressões físicas, verbais ou de natureza sexual atuada concretamente com o analista). Não tendo encontrado espaço para se apresentarem em experiências progressas, ao se depararem com um analista em que sentem que dispõem de espaço mental para acolhê-las sem se desorganizar ou partir para atuações (contratransferência,⁶ no sentido dado a esse termo por Freud),

⁶ A contratransferência não pode ser instrumento de trabalho do analista se for levada em conta a definição desse termo feita por Freud, pois ela, assim como a transferência do analisando, é inconsciente. A contratransferência é assunto de análise do próprio analista, e não de seu paciente. Implica áreas de sua mente que estão obscuras ou inacessíveis para ele, prejudicando o atendimento de seus

podendo pensá-las e transformá-las em representações mentais nunca alcançadas antes, elas acabam se manifestando e têm de ser lidadas no momento atual das sessões. Caso isso ocorra e os analisandos percebam que essas manifestações emocionais são realmente acolhidas e elaboradas nas sessões com o analista (e os pacientes captam, de alguma maneira, quando se trata de acolhimento real ou de imitação de acolhimento do analista – principalmente os mais perturbados), podem vir a desenvolver esse mesmo espaço que encontram na relação com o analista nas suas interioridades, e expandir a capacidade para pensar na vigência de suas experiências emocionais. Só assim poderão ter uma noção mais realista dos fatos com que se deparam e têm de lidar, pois não é possível o contato com a realidade (interna ou externa) sem haver mobilização de reações emocionais.

Nesse sentido, uma psicanálise não se propõe a pensar por alguém ou a resolver os problemas apresentados; ao contrário, é um trabalho que ajuda uma pessoa a desenvolver sua capacidade para pensar – de pensar por si mesma, de ter o próprio discernimento, de

analisandos. Se ele se dá conta posteriormente à sua atividade de trabalho de reações contratransferenciais que se tornem significativas, deverá perceber sua necessidade de retomar uma análise sua própria, para iluminar dimensões suas que permanecem demasiado nas sombras e que estão interferindo de forma prejudicial no seu trabalho.

O uso desse termo como instrumento de trabalho proposto por Paula Heimann produz uma confusão terminológica, o que é deletério para uma atividade científica. As reações emocionais do analista de que ele tem consciência – portanto não inconscientes – não deveriam ser denominadas de contratransferenciais, com o propósito de manter uma clareza de vocabulário na atividade científica da psicanálise. Essas últimas seriam as *experiências emocionais* do analista das quais ele *tem consciência*, conforme discriminação proposta por Bion em seus escritos. Heimann percebeu algo importante, mas produziu uma confusão semântica, equivalente à confusão que pode se estabelecer se denominarmos duas coisas diferentes como cadeira e mesa com o mesmo nome de “cadeira”.

não precisar seguir rebanhos ou ter de pertencer a rebanhos. Se isso ocorrer, ela própria se verá em condições de lidar com as dificuldades com que se defrontar e, tendo uma visão mais realista dos fatos, também poderá aproveitar as oportunidades verdadeiras que a vida lhe apresentar na hora em que ocorrem – não na hora que deseja. Isso não implica se tornar onipotente e prescindir de relações. Porém, a opinião e o ponto de vista dos outros que precisa considerar não precisa ser tomada como verdade à qual precisa se submeter ou afrontar. É algo que pode considerar para reflexão e auxiliá-la a chegar às suas próprias conclusões, sem precisar tornar o outro (tampouco o analista) uma autoridade.

Ao desenvolver a condição para entrar em contato com os próprios e genuínos sentimentos e desejos, sentindo que pode pensá-los e não estar a reboque deles ou ser arrebatado mentalmente por eles, o indivíduo pode perceber-se como de fato é, quais as suas características pessoais, aquilo que faz dele ele mesmo e único, mesmo sendo um ser humano comum e com características tão parecidas com as de outros. Ao experimentar-se em seus próprios sentimentos, com os quais poderá ter maior contato, ele verifica o seu jeito próprio de estar no mundo.

O analista auxilia o paciente a se dar conta de que suas reações emocionais, assim como seus desejos e fantasias, não são de sua escolha, nem do analista, nem de qualquer outra pessoa ou grupo. O analisando pode vir a se dar conta de que seus desejos e sentimentos são como a cor dos seus olhos, de sua pele, ou o seu genótipo – são aquilo que o fazem ser ele mesmo. Dessa forma, a análise apresenta o paciente a ele mesmo, à pessoa que de fato ele é, e não àquela que gostaria de ser, que imagina ser ou que espera ser – nem tampouco à expectativa de pais, parentes, do grupo de que faz parte e às expectativas morais e sociais. Se puder desenvolver acolhimento e respeito por aquilo que se revelar em análise que é o que faz dele ele

mesmo, não obstante o que isso for, poderá vir a casar-se consigo mesmo, alguém de quem não pode efetivamente separar-se e com quem irá conviver até o último de seus instantes. Caso isso ocorra, o paciente poderá sentir que conta e se apoia nos recursos que efetivamente tem e pode desenvolver, e não nos que gostaria de ter, ou deveria ter, dos quais não pode se valer de fato.

Havendo esse casamento consigo mesmo, o indivíduo constitui uma maioria consigo próprio, o que pode permitir que suporte ser minoria em grupos, pois toda pessoa que desenvolve uma capacidade pensante autônoma inevitavelmente se torna uma minoria e costuma, por conseguinte, enfrentar animosidade por parte da maioria que não evolui nesse sentido. Podendo ser minoria no grupo e contando com a própria companhia e em maioria consigo mesmo, pode desenvolver um caminho que atenda suas reais e genuínas necessidades, produzindo experiências de satisfações e prazeres autênticos, quando exequíveis, no tempo que urge da única vida que efetivamente sabemos que dispomos. Dessa forma, tornar-se-ia alcançável, ou próximo de se realizar, algo que seria viável nomear como a felicidade *possível*.

Referência

Bion, W. R. (2014). Further cogitations (1968-1969). In W. R. Bion, *The complete works of W. R. Bion* (vol. XV: *Unpublished papers*). London: Karnac.



Uma leitura agradável, instigante, articulada e que capturou completamente meu interesse. O autor trata de assuntos aparentemente conhecidos, mas descritos de um modo que destaca aspectos não tão discutidos, e os complementa brilhantemente com vinhetas clínicas que ajudam o leitor a realizar as suas propostas.

A cada trabalho escrito, a cada livro publicado, acompanhamos a evolução de Claudio Castelo em várias direções, tanto no amadurecimento dos conteúdos como na habilidade para expressar seus pensamentos. Podemos observar uma trajetória em busca de “vir a ser”, que foi construída ao longo de seu caminho para se tornar, em 2003, um analista didata, e que continua evoluindo e expandindo seu universo mental.

Isaiás Kirschbaum

Membro efetivo e analista didata da SBPSP

PSICANÁLISE

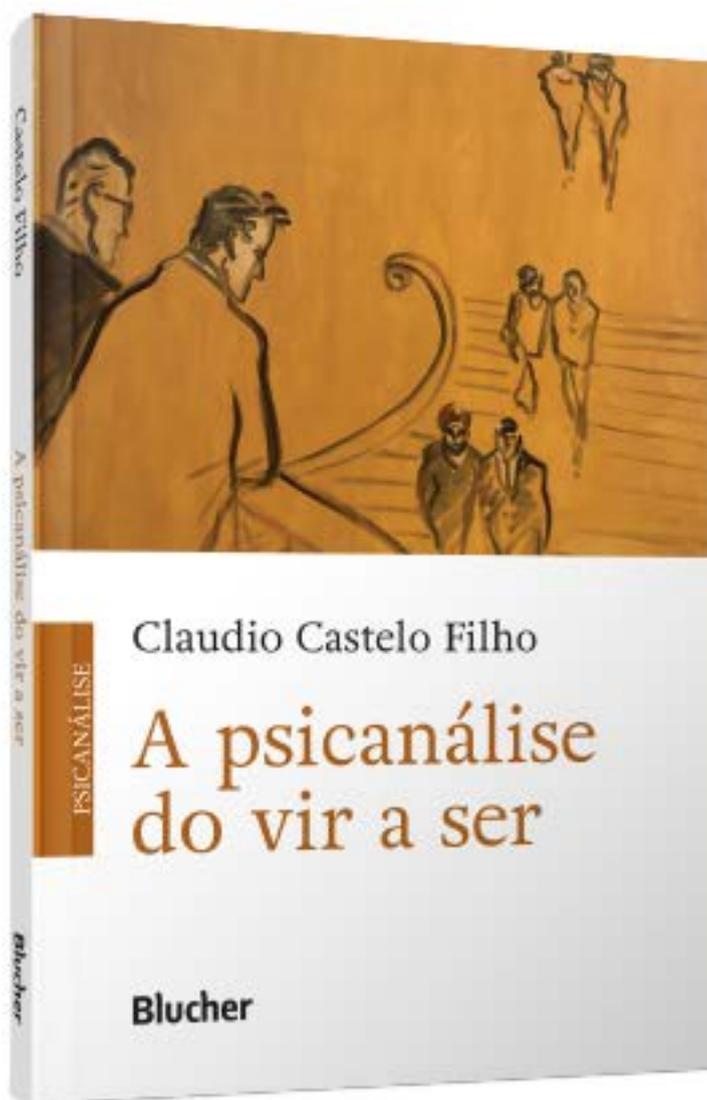
ISBN 978-85-212-1925-5



9 788521 219255

www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

A Psicanálise do Vir a Ser

Claudio Castelo Filho

ISBN: 9788521219255

Páginas: 306

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2020

Peso: 0.000 kg
